

2

CAPÍTULO

CÍCERO

O ORADOR ROMANO

Joelma Batista dos Santos Ribeiro

Marco Túlio Cícero (106 a.C. a 43 a.C.) é, sem dúvida, uns dos grandes nomes da República romana. Suas obras demonstram a racionalidade no pensamento e uma linguagem singular. Essas características o revelaram como um dos mais fecundos escritores da Antiguidade. Sua educação helenística, seu talento literário, suas ambições pessoais, seu trabalho intelectual infatigável, sem dúvida foram fatores decisivos para o seu êxito nos ensaios, cartas, tratados e discursos que escreveu sobre ideias e conceitos políticos, filosóficos e literários.

A importância de Cícero, como pensador, na história do pensamento mundial, é reconhecida por estudiosos de todas as épocas. Sodré (1967, p. 141), por

exemplo, afirma que os pensadores gregos tiveram a originalidade da profundidade, sem limites do pensamento, mas, que “coube a Cícero a glória, não pequena, de ter sido um vulgarizador brilhantíssimo de todas as grandes ideias dominantes de seu tempo”.

Apesar de sua formação e conhecimentos abrangentes, percebe-se que o político e advogado romano tinha especial ardor pela arte oratória. Chegou a afirmar, em sua obra *De Oratore*, que “a oratória é superior a todas as artes, pois essas requerem apenas a agudeza de memória, enquanto a oratória exige do orador desde a desenvoltura dos atores, as palavras dos poetas até o conhecimento dos filósofos e dos juristas” (CICERO, 1948, p. 89, tradução nossa)¹. Por isso, Cícero atribuiu à eloquência o poder de transformar ou suscitar paixões, fazer mudar opiniões e até os escrúpulos daqueles que julgam as causas.

Para tanto, Cícero assinalava que o orador, além dos atributos naturais lapidados pela doutrina e treino, deveria se dedicar às demais artes, para que fosse capaz de falar sobre todos os assuntos de maneira variada, ornada e abundante. Nessa perspectiva, conceituou o orador perfeito, apresentado na sua obra *De Oratore*, sobre a qual faremos uma breve abordagem.

Cabe esclarecer que a biografia de Cícero está profundamente relacionada com suas obras, inclusive as que versam sobre a eloquência. No período em que viveu em Roma, a oratória estava, devido ao contexto político e econômico, no seu auge. Dessa forma, realizaremos um breve resgate de sua vida, observaremos a riqueza de sua formação e, principalmente, o quanto o uso da sua grandiosa eloquência foi decisivo durante toda a sua vida política.

Dentre as obras de Cícero dedicadas à retórica ressaltamos: *Brutus*, que trata de um diálogo sobre oradores ilustres; *Partições Oratórias*, constituinte de dois livros sobre a invenção; e *De Oratore*, que faz, por meio de diálogos, uma abordagem sobre o perfil do orador e conceitua a oratória romana.

BIOGRAFIA

Oriundo de uma família de cavaleiros, Cícero nasceu em Arpino, na Itália, e cedo já dominava a língua grega. Seu pai o confiou às mãos de mestres romanos, sob a direção dos oradores Crasso e M. Antônio. Praticava, por isso, exercícios

¹ No original: “[...] in an orator we must demand the subtlety of the logician, the thoughts of philosopher, a diction almost poetic, a lawyer’s memory, a tragedian’s voice, and the bearing almost of the consummate actor”.

da arte oratória, segundo o sistema da época. Além de trabalhar na tradução de várias obras gregas, também aprendia História, Geometria e Filosofia. Segundo Plutarco (1951), o garoto, já nos primeiros contatos com os estudos, demonstrou célebre talento e grande aptidão literária e filosófica, fato que o distinguia dos demais estudantes.

Depois de concluir os primeiros estudos, o futuro orador tomou lições com o acadêmico Fílon, muito admirado pelos romanos devido à sua eloquência e caráter. Também conviveu com Múcio Cévola, ilustre senador que lhe proporcionou profundo conhecimento sobre as leis. Aos dezesseis anos, Cícero vestiu a toga viril, a qual, na Roma antiga, simbolizava a condição de cidadão, além de poder para exercer cargos da República e, posteriormente, do Império romano. Passou a frequentar o fórum, onde vivenciou a prática da oratória e aplaudiu grandes oradores.

Quando o jovem romano contava com dezoito anos, eclodiu a guerra civil na qual Mário e Sila disputaram o poder sobre Roma. Nesse período, as escolas, tribunais e demais fontes de instruções foram fechadas. O jovem passou, então, a dedicar-se às meditações, às ciências e às conversações com sábios gregos até o encerramento do período de turbulência, quando retomou seus estudos, inclusive de Direito, com Quinto Múcio Cévola, o pontífice.

Foi aos vinte sete anos que estreou como advogado e, conseqüentemente, como orador, de maneira notória, ao defender Róscio Amerino, acusado de paricídio na época em que Sila governava Roma com poder absoluto, na qualidade de ditador perpétuo. O pai de Róscio não tinha ligação alguma com política ou com as proscricções de Sila, mas seu assassinato beneficiou o partidário do ditador, Crisógono, que confiscou todos os bens da vítima para o Estado e, em parceria com alguns parentes, arrematou esses bens por valores baixíssimos. O filho da vítima, vendo-se espoliado, levou o caso aos tribunais a fim de fazer valer os seus direitos. Crisógono, com receio de perder os bens e ainda comprometer Sila, convenceu os parentes a denunciarem Róscio Amerino como assassino do próprio pai.

Nesse período, Roma contava com longas listas de proscricções e de adversários políticos de Sila que deveriam ser eliminados. Como a causa de Róscio envolvia um partidário e amigo íntimo do governador, nenhum advogado quis defender o jovem acusado, pois todos temiam pela própria vida. Afinal, desagradar o governador, naquele momento, não era recomendável. Por outro lado, Cícero vislumbrava, na situação, a oportunidade, talvez a única de sua vida, de fazer seu talento conhecido de toda a gente.

O jovem orador preparou-se silenciosamente para a defesa. A acusação estava certa da vitória, pois acreditava que o pobre Róscio seria abandonado à própria sorte; porém se surpreendeu quando o advogado de vinte e sete anos se levantou para marcar a história da eloquência de Roma. Cícero assumiu a defesa e, ao fazê-la, desmascarou toda a trama sinistra, refutou todos os argumentos de acusação e, com grandíssima eloquência, triunfou na tribuna ao conquistar a absolvição unânime do Róscio Amerino.

No entanto, na defesa de Róscio, o jovem Cícero fez muito mais do que livrar um inocente de uma morte terrivelmente injusta. Ele imobilizou uma manobra política torpe e gananciosa, além de, por meio do despertamento da humanidade dos romanos, outrora adormecida, imunizar a si e ao acusado de futuras represálias de Sila ou Crisógono. Essa estreia foi, sem dúvida, um dos acontecimentos mais marcantes na vida do jovem advogado e o coroou como excepcional orador, fato muito rememorado durante sua vida.

Depois do caso de Róscio não houve registro de que o jovem advogado tenha sofrido alguma ameaça do ditador e, antes de viajar pela Grécia e Ásia Menor, permaneceu dois anos em Roma exercendo a advocacia.

Ainda nesse tempo, Cícero era franzino, fraco e tinha o estômago delicado. Sua voz, apesar de forte e sonora, era dura e pouco flexível. Como insistia em declamar com calorosa veemência, a ponto de atingir os tons mais altos, temia-se por sua saúde. Embora tivesse recebido conselhos de médicos e amigos para deixar a oratória, se recusara a desistir da glória que a eloquência poderia lhe trazer (ZAMA, 1896, p. 288).

Iniciou sua viagem pela Grécia e, em 79 a.C., chegou em Atenas, onde teve aulas com o filósofo Antíoco, Zenão, e conheceu Fedro, além de exercitar-se na arte da eloquência na escola de Demétrio. Antes, no entanto, de voltar para Roma, partiu para a Ásia, onde acompanhou lições dos retóricos: Xenocles de Adramite, Denis de Magnésia e Menipo da Cária. Em Rodes, presenciou a ação do retórico Apolônio, filho de Mólón, e do filósofo Posidônio. Segundo Plutarco (1951), Apolônio, ao assistir a uma declamação de Cícero, não esboçou reação alguma, enquanto o auditório não cansava de louvá-lo. No entanto, ao se dirigir ao orador romano, pronunciou: “Cícero, eu te louvo e te admiro. Choro, porém, a sorte da Grécia, ao ver que as únicas vantagens que nos restavam, o saber e a eloquência, vão, por teu intermédio, passar para as mãos dos romanos” (PLUTARCO, 1951, p. 47).

Depois de dois anos de estudo e aperfeiçoamento, retornou para Roma. Então, o jovem orador ficou robusto, educou a voz e aprimorou sua gesticulação.

Dominava todas as regras da eloquência e estava culturalmente ainda mais enriquecido. Por conveniências sociais e econômicas, casou-se com Terência, moça de família nobre, com quem viveu cerca de 30 anos e teve dois filhos, Túlia e Marcos. No mesmo período concorreu à questura, cargo exercido por aqueles que almejavam galgar altas posições na República.

Cabia aos questores prover o abastecimento para Roma e seu exército por meio das arrecadações das rendas públicas das províncias que governavam. Tinham o respeito equivalente aos demais magistrados, contavam com *lictors*, funcionários públicos que lhes faziam escolta com chicotes, indo-lhes à frente com a finalidade de abrir o caminho e convocar o réu, se fosse o caso. O cargo, segundo uma lei de Sila, dava, posteriormente, o direito de poder fazer parte do Senado (ZAMA, 1896, p. 307).

Cícero foi eleito questor por unanimidade e direcionado para a Sicília, província responsável pelo abastecimento romano de trigo. Com o tempo, ganhou a estima e o respeito dos sicilianos, principalmente quando defendeu, como advogado, diante do pretor da Sicília, vários jovens de boas famílias acusados de insubordinação e conseguiu a absolvição de todos. Terminado o período da questura, pronunciou um acalorado discurso, colocou-se à disposição dos sicilianos, mesmo ao residir em Roma, e despediu-se. Estava certo de que havia cumprido com primor seu principal dever de não deixar faltar trigo em Roma, além de, mesmo em tempos de carestia, garantir bons negócios para os comerciantes. No entanto, ao retornar a Roma, percebeu que seu excepcional desempenho como questor não lhe rendeu elogios e nem sequer especiais reconhecimentos.

O orador romano era um homem suficientemente rico para viver entre os indivíduos mais instruídos da sociedade romana de seu tempo. Havia recebido o dote de sua esposa, Terência, e a herança de seu pai, o que constituiu uma pequena fortuna. Plutarco (1951) menciona que, de seu pai, herdara 90 mil dinheiros e, do dote, 120 mil dinheiros. Recebia constantemente pessoas ilustres em sua casa, que o procuravam por diversos motivos, fossem em busca de sua influência, de seus serviços como advogado ou, até mesmo, de seus conselhos (PLUTARCO, 1951, p. 51).

Seis anos depois de deixar a Sicília, Cícero foi eleito edil, cargo responsável pela preservação da cidade, do abastecimento, da polícia dos mercados e das ações penais correlatas. Zama (1986, p. 329) comenta que o cargo era oneroso, ao destacar que: “Os fundos públicos destinados, desde o princípio da República, para as festas e espetáculos eram insuficientes. Os edis tinham que dar de seu bolsinho – o que faltava”. O brilhante orador romano, ao contrário de César e

outros edis anteriores, não ostentou eventos grandiosos durante o período em que exerceu o cargo, antes o desempenhou com a mesma correção demonstrada no cargo de questor.

Dois anos após ter sido edil, Cícero apresentou sua candidatura à pretoria. Na hierarquia da Roma Antiga, o pretor era o magistrado abaixo do cônsul. A concorrência foi acirrada, disputou com muitas pessoas de prestígio na sociedade romana e, embora não tenha sido eleito unanimemente, como nas disputas para questor e edil, foi o mais votado dos oito candidatos. As sentenças proferidas durante o período de sua pretoria construíram uma sólida reputação de justiça e probidade.

Cícero entrou para a vida política com uma gama de conhecimento que poucos de seus contemporâneos tinham. Estudou com afinco a língua grega e contribuiu, por possuir esse conhecimento, para o enriquecimento da língua latina, até tornar-se, reconhecidamente, o supremo árbitro de termos e novas expressões. O jovem dedicado possuía universalidade de conhecimentos, e, mais tarde, em seus escritos, julgaria tais conhecimentos indispensáveis ao orador para ser perfeito. Era familiarizado com a jurisprudência, a Filosofia, a Matemática, a Astronomia, a Música e as demais artes de seu tempo (ZAMA, 1896, p. 292). No entanto, era *homo novus*, ou seja, um plebeu que galgava, na Roma Antiga, alto cargo público. A família de Cícero, embora fosse abastada e de boa reputação, era de cavaleiros e não possuía nenhuma tradição na vida pública romana.

Dessa forma, após a pretoria, Cícero iniciou sua campanha ao consulado até completar a idade exigida de 43 anos. Em Roma, eram eleitos, concomitantemente, dois cônsules para um mandato de um ano, que se revezavam mensalmente. Cabia, ao detentor do mais alto cargo romano, comandar o exército, convocar o Senado e administrar Roma e suas províncias. O jovem político foi eleito com total aprovação: há trinta anos nenhum *homo novus* havia passado pelo consulado romano. Disputou com mais seis candidatos, dentre eles Catilina, que mais adiante teria sua conspiração desmascarada. Cícero assumiu o consulado com Marco Antônio.

Quase no final do seu período consular, Cícero recebeu uma denúncia de que Catilina, senador que havia concorrido para o próximo consulado e, pela segunda vez, perdido, aliara-se aos ex-soldados do falecido governador Sila para conspirar contra a República. Segundo as informações, haveria dia e hora para o saque e o incêndio da cidade de Roma, assim como para os assassinatos dos senadores e do próprio Cícero (ZAMA, 1896, p. 367). Cícero enviou espiões por toda a cidade para obter mais informações e, enquanto isso, convocou o Senado e preparou seu primeiro discurso contra o conspirador.

O Senado foi reunido e Cícero proferiu seu primeiro discurso contra Catilina, revelando toda a conspiração. Iniciou o exórdio:

Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência? Quanto zombará de nós ainda esse teu atrevimento? Onde vai dar tua desenfreada insolência? É possível que nenhum abalo te façam, nem as sentinelas noturnas do Palatino, nem as vigias da cidade, nem o temor do povo, nem a uniformidade de todos os bens, nem este seguríssimo lugar do Senado, nem a presença e semblante dos que aqui estão? Não presentes manifestos teus conselhos? Não vês a todos inteirados da tua já reprimida conjuração? Julgas que algum de nós ignora o que obraste na noite próxima e na antecedente, onde estiveste, a quem convocaste, que resolução tomaste? (CICERO, 1856, p. 56, tradução nossa)².

Além da sua voz poderosa e de seus gestos impressionantes, o eloquente orador romano utilizou vários recursos oratórios, afinal já era experiente. Catilina, por sua vez, estava surpreso, pois não sabia como o acusador tinha tantos detalhes sobre a conspiração. Por isso, tentou negar, mas foi coibido. O orador exigiu a saída do traidor de Roma; o acusado apenas declarou, diante do Senado, que responderia à altura a acusação e deixou bruscamente o recinto. O conspirador saiu de Roma com trezentos partidários. Esse primeiro discurso faz parte das Catilinárias, uma série de discursos contra Catilina.

No dia seguinte, a população interpretou a saída de Catilina de Roma de maneira adversa, pois julgava que, se planejasse uma conspiração, teria, supostamente, ficado na cidade a fim de levar a cabo seu plano; como saiu, seria de fato inocente, logo, Cícero o teria acusado injustamente. No entanto, mal sabia a população que Catilina havia ido se juntar às tropas de seu partidário Mânlio.

Com o intuito de acalmar o povo, Cícero convocou um comício e pronunciou sua segunda Catilinária, na qual reiterou a conspiração de Catilina e seus comparsas e reafirmou suas intenções de salvar a República. Toda Roma ficou

² When, O Catiline, do you mean to cease abusing our patience? How long is that madness of yours still to mock us? When is there to be an end of that unbridled audacity of yours, swaggering about as it does now? Do not the nightly guards placed on the Palatine Hill—do not the watches posted throughout the city—does not the alarm of the people, and the union of all good men—does not the precaution taken of assembling the senate in this most defensible place—do not the looks and countenances of this venerable body here present, have any effect upon you? Do you not feel that your plans are detected? Do you not see that your conspiracy is already arrested and rendered powerless by the knowledge which every one here possesses of it? What is there that you did last night, what the night before—where is it that you were—who was there that you summoned to meet you—what design was there which was adopted by you, with which you think that any one of us is unacquainted?

indignada com tamanha traição de Catilina. O discurso inflamado de Cícero provou mais uma vez o poder da eloquência sobre o povo romano. Enquanto isso, o cônsul levou adiante seu plano, infiltrou homens entre os conspiradores, com o objetivo de conseguir esclarecimentos e reunir documentos. Dessa forma, conseguiu determinar a prisão imediata dos conspiradores que estavam em Roma.

Satisfeitíssimo com o resultado do seu plano, Cícero foi à praça pública e pronunciou a terceira Catilinária, um discurso exultante, por meio do qual colocou a sua eloquência contra Catilina e em benefício próprio, já que não economizou nos autoelogios e chegou, até mesmo, a se comparar a Rômulo, fundador de Roma.

Os acusados de conspirar contra a República foram levados perante o Senado, César discursou na tentativa de livrá-los da execução, Catão mostrou as conseqüências da benevolência para com os culpados. Cícero pronunciou a quarta Catilinária: com estilo grave e sério, mostrou seu respeito à decisão do Senado, mas afirmou que a posição de Catão era preferível. Decidiram pela execução. O cônsul acompanhou os condenados e os entregou ao carrasco, sem nenhum pesar pela falta de julgamento adequado.

Após a execução, houve uma marcha triunfal. Cícero desfilou pela cidade, foi ovacionado e impôs aos romanos que o reconhecessem como “Salvador da República”. Catilina, longe de Roma, foi atacado por forças de Cícero e pereceu na luta. O caso da conspiração de Catilina se deu nos últimos dias do consulado de Cícero. Catão, tribuno na ocasião, deu ao cônsul o título, ainda inédito, de “Pai da Pátria”.

Depois do caso de Catilina e do término do seu período como cônsul, Cícero, em todas as oportunidades, não economizava autoelogios e, repetidas vezes, mencionava seus atos heroicos, seus feitos como cônsul, como havia desfeito a conspiração. A vaidade havia tomado conta do orador romano, no entanto, ao referir-se aos outros, “ninguém escapava às suas zombarias, nem os magistrados, nem os mais ilustres cidadãos, nem os amigos” (ZAMA, 1896, p. 385). O admirado orador, sem dúvida, havia colecionado, no decorrer da carreira, uma gama de pessoas que não lhe estimavam pelos mais diversos motivos: pessoais e políticos.

Clódio, segundo Plutarco (1951), tinha especial sentimento de vingança contra Cícero devido a um possível mal entendido que envolveu a esposa de César, por quem nutria sentimentos amorosos. Clódio contava que Cícero testemunhasse a seu favor e afirmasse que ele estava fora da cidade na ocasião em que fora visto na casa de César, mas, em vez disso, o arpinate afirmou que, naquele dia, esteve com

o acusado. Clódio não encontrou no orador o mesmo apoio que dera no caso de Catilina e, por muito pouco, não sofreu uma condenação. Além disso, Clódio, César e outros oficiais romanos também haviam desaprovado a privação de julgamento dos conspiradores de Catilina na ocasião em que Cícero foi o cônsul.

Em 60 a.C., Clódio tornou-se tribuno e, sem delongas, decretou o exílio daqueles que julgaram qualquer cidadão romano sem o devido processo legal. Tribuno era o título dado para oficiais eleitos na Roma Antiga. Esses atuavam como um contrapeso à autoridade do Senado Romano e dos magistrados anuais e detinham o poder de *ius intercessionis*, ou seja, de intervir para vetar legislações consideradas desfavoráveis ou de propor novas leis.

O decreto de Clódio atingiu diretamente Cícero, pois remetia ao caso da conspiração de Catilina. O orador tentou apelar para os senadores e os cônsules, inclusive ao senador Pompeu, mas não teve sucesso e foi obrigado a exilar-se e abandonar sua casa, esposa e filhos. O orador romano viu-se obrigado a deixar a pátria que outrora orgulhara-se de salvar e, como fugitivo, procurou abrigo em Tessalônica, na Grécia. Clódio decretou o banimento de Cícero e o confisco de seus bens, além de pena para quem lhe desse água e fogo a uma distância de mil e quinhentas milhas da Itália. Suas casas foram incendiadas e, na sua habitação em Roma, ergueu-se o templo da Liberdade.

No entanto, Pompeu, ao tornar-se triúviro romano ao lado de Júlio César e Crasso, com apoio do Senado e do povo, exigiu a volta de Cícero a Roma. Clódio foi expulso em praça pública e os cidadãos, convocados para novas eleições. O Senado deliberou que se enviassem agradecimentos a todas as cidades que tivessem acolhido Cícero durante o exílio, também a devolução de suas casas já reconstruídas a expensas do tesouro público, além da restituição de seus bens (PLUTARCO, 1951, p. 78). Assim, o ex-cônsul retornou do exílio dezesseis meses depois de sua partida e foi recebido calorosamente por toda a população de Roma e circunvizinhança.

Em 51 a.C., Cícero assumiu o governo da província da Cilícia, uma vez que Pompeu, nomeado cônsul único pelo Senado, decretou um intervalo de cinco anos entre um consulado ou pretorado e um comando provincial. Devido à escassez de candidatos, Cícero, relutante, aceitou. Levou consigo um exército e a missão de reconciliar os capadócijs com o rei Ariobarzano, além de conduzi-los à submissão a Roma. Teve êxito na sua missão sem precisar empunhar arma.

Permaneceu um ano na Cilícia, período em que, segundo Plutarco (1951), repôs aos cofres da província as despesas de sua mesa; não aceitou presente algum,

não mandou castigar ninguém com varas, não impôs multas injuriosas ou pronunciou palavras ofensivas. Pelo contrário, fez recobrar os fundos públicos que haviam sido dilapidados. Houve uma ocasião em que teve que fazer uma guerra para expulsar os bandidos que estavam em Amanus. A vitória levou os soldados a darem a Cícero o título de *imperator* (PLUTARCO, 1951, p. 81). Tradicionalmente, na Roma Antiga, as tropas conferiam o título de *imperator* ao seu general, depois de uma batalha ou campanha bem-sucedida.

Retornou a Roma no momento em que a guerra civil estava para acontecer, quando César e Pompeu disputavam o poder e Crasso, o terceiro triúmviro, havia morrido na guerra com o Partos. Cícero, na ocasião, correspondia-se com César na tentativa de estabelecer a paz e a República, e não o confrontava publicamente. No entanto, apoiava Pompeu, pois acreditava que ele defendia o Senado Romano. Em 49 a.C., César invadiu Roma, Cícero e os demais senadores deixaram a capital e seguiram Pompeu.

Em 48 a.C., aconteceu a Batalha de Farsalos: as forças de César enfrentaram as de Pompeu e ganharam a batalha que marcou o final da República e o início do Império Romano. O orador, cautelosamente, voltou para Roma e obteve o perdão de César. Na ocasião, Quinto Ligário foi acusado de carregar as armas contra César na batalha, e Cícero assumiu a defesa, como descreveu Plutarco (1951):

Cícero, porém, desde as primeiras palavras do seu discurso comoveu singularmente César. E, à medida que avançava, empregando todos os recursos do patético, tudo quanto possuía a sua eloquência de sedução, viu-se muitas vezes César mudar de cor e tornar sensíveis os divedos afetos que lhe agitavam a alma. Enfim, quando o orador tocou na batalha de Farsália, César, fora de si, estremeceu todo o corpo e deixou cair os papéis que tinha nas mãos. Cícero, vencedor do ódio de César, conseguiu a absolvição de Ligário (PLUTARCO, 1951, p. 85).

O fato de Roma tornar-se império levou Cícero ao afastamento da vida pública. Por isso, passou a se dedicar à formação de jovens que desejavam se aplicar à Filosofia. Assim, o orador romano reconquistou grande prestígio na cidade. Ocupou-se de traduzir, para o latim, diálogos filosóficos e termos da física e da dialética.

Foi ele, afirma-se, quem naturalizou primeiramente, ou pelo menos com maior sucesso entre os romanos, as palavras gregas que significavam *imaginação*, *assentimento*, *suspensão de julgamento*, *átomo*, *invisível*, *vazio* e várias outras semelhantes, explicando, ou por metáforas ou por termos conhecidos e vulgares, as que se aproximam delas pelo sentido (PLUTARCO, 1951, p. 85, grifos do autor).

Segundo Zama (1896, p. 472), Cícero, nesse período, escreveu *Brutus* e *Partições Oratórias*, esta última dedicada a seu filho, que na ocasião contava com dezoito anos. O desejo do orador era que seu filho se tornasse filósofo, no entanto, ele não demonstrava interesse nessa atividade. Mais tarde, foi enviado para Atenas a fim de estudar, financiado pelo pai, porém entregou-se ao vinho.

Nesse período de ausência da vida pública, Cícero repudiou sua esposa Terência. Alegou que ela não dispensara cuidado a ele na época de sua partida por ocasião da guerra civil e não demonstrara atenção ou afeição no seu retorno, além de deixar sua casa vazia e cheia de dívidas. Apesar de Terência ter negado, pouco tempo depois, o orador romano desposou uma moça bem mais jovem que possuía bens em fideicomisso, ou seja, por testamento do pai. A morte, devido ao parto, de sua filha Túlia, em 45 a.C., afetou profundamente Cícero. Ele mencionou, em uma carta a Ático, que perdera a única coisa que o prendia à vida. O orador, inconsolável, acusou a nova esposa de ter se alegrado com o ocorrido e também a repudiou.

Apesar de ser um grande amigo de Bruto e dos demais conspiradores de César, Cícero não participou do assassinato do ditador, ocorrido em 44 a.C. Na ocasião, estava fora de Roma, mas, assim que soube, voltou e exaltou o amigo Bruto como o novo “Salvador da Pátria”. Segundo Sodré (1967), não houve episódio mais deplorável na vida de Cícero, pois revelou seus supostos interesses pessoais, já que, há pouco, havia recebido em sua casa o ditador e lhe proferido honras e tributos em público. Como prova disso, no episódio de Quinto Ligário, afirmou: “Quanto em tua presença, ó César, sinto-me esclarecido em face da copiosa luz que derrama tua liberalidade e tua sabedoria...” (PLUTARCO, 1951, p. 85). No entanto, ao saber da maneira brutal com que César fora assassinado, voltou-se para o lado que, supostamente, lhe traria mais benefícios.

Após a morte de César, a popularidade de Cícero aumentou muito em Roma, mas Marco Antônio, senador e também cônsul, buscava vingança para com os assassinos de César e vantagens para si. Estrategicamente, negociou com o Senado a anistia do crime com a não declaração de César como tirano, o que dava aos cesarianos suporte legal e manutenção das reformas políticas feitas pelo ditador. Bruto e os demais conspiradores receberam províncias para administrarem e, assim, deixaram Roma. Cícero não achou apoio político seguro em Roma e embarcou para a Grécia, no entanto, não deixava de receber notícias positivas das mudanças feitas por Marco Antônio, como, por exemplo, que não tomava uma decisão sem apoio do Senado. Assim, voltou a Roma.

No dia seguinte ao de sua chegada, Marco Antônio convocou o Senado e chamou Cícero, que mandou dizer que estava doente. Ocorreria que Cícero

soubera, durante seu retorno, de uma provável cilada. Devido a sua ausência, Marco Antônio mandou soldados conduzi-lo à força e queimar sua casa, mas revogou a ordem em seguida. Depois desse acontecimento, a ruptura entre os dois tornou-se explícita e incontornável. Nesse período, Cícero produziu uma série de discursos contra Antônio, as Filípicas.

Otávio, filho adotivo e herdeiro de César, voltou para Roma e solicitou a Cícero que utilizasse a sua eloquência e prestígio diante do Senado e do povo a seu favor. Em troca dar-lhe-ia recursos para a proteção de sua vida. O orador romano não resistiu à ambição e esperava realmente pôr o rapaz a serviço da República. Infelizmente, quando o jovem César, Otávio, viu-se parte em um segundo Triunvirato, juntamente com Marco Antônio e Lépido, foi obrigado a permitir que o nome de Cícero, por exigência de Antônio, fosse para lista de proscritos, sentenciado à morte, desconsiderando seu acordo com o orador romano em favor do pacto com Antônio e Lépido.

O orador romano estava em sua casa em Tusculum e, assim que soube da lista das proscricções do novo Triunvirato, iniciou sua fuga. No entanto, foi pego perto de Formias pelos partidários de Antônio, que cumpriram cabalmente as ordens: decapitaram-no, cortaram-lhe a mão direita e levaram para o fórum romano, onde as partes ficaram expostas no local em que tantas vezes triunfara.

O LEGADO CICERONIANO

Cícero foi o escritor mais produtivo e o orador mais renomado de seu tempo. A racionalidade de seu pensamento e a peculiaridade da sua linguagem influenciaram pensadores e estudiosos no decorrer da História. Escreveu sobre temas filosóficos, literários e políticos, além dos discursos e das mais belas páginas da Antiguidade sobre a oratória. Sodré (1967, p. 145) afirmou que ninguém, antes ou depois de Cícero, discorreu com tanta clareza e entusiasmo sobre a eloquência.

O vasto conhecimento cultural do orador romano era notável. Desde jovem, dominava a língua grega e aprendera sobre a cultura helenística. Assim, buscou e implementou os artifícios da retórica e da eloquência. Suas contribuições foram inegáveis na tradução de vários vocábulos do grego para o latim e, também, na disseminação de conhecimentos por meio de seus registros. Cabe ressaltar que, apesar da forte influência grega, Cícero julgava a cultura e a política romana superiores.

Sem dúvida, Cícero dedicou-se muito à Filosofia e, realmente, ela o seduzia. Também se esmerou nos campos do Direito, estudou com afinco História e as demais artes, porém é inquestionável o tremendo ardor que possuía pela oratória.

Desde sua juventude, mergulhou nos estudos sobre eloquência e, mesmo com a saúde precária para o esforço exigido na tribuna, não abriu mão do que considerava o caminho para as glórias (SODRÉ, 1967, p. 152). Estudou, praticou e tornou-se um renomado orador e, conseqüentemente, pôde galgar a alta posição de cônsul e obter o título ainda inédito de “Pai da Pátria”.

A retórica passou a ser utilizada em V a.C., no entanto, como Cícero afirmou “a eloquência não descende da arte, mas a arte da eloquência” (CICERO, 1948, p. 101, tradução nossa)³, isto é, a eloquência já era praticada há muito tempo por homens hábeis. Porém, foi em I a.C., período em que Cícero viveu em Roma, que a oratória atingiu seu auge, em razão das condições políticas que propiciavam os debates e do pouco acesso da população à escrita. Além disso, as causas judiciais, as quais eram representadas eloquentemente pelos oradores, faziam de Roma um campo fértil para o florescimento da arte oratória latina.

O brilhante orador foi forjado no contexto romano da valorização e prática da oratória. Sua obra *De Oratore*, datada de 55 a.C., é composta por diálogos de Crasso com seus amigos, que debatem sobre a oratória romana e, principalmente, sobre o perfil do orador. Crasso, personagem central dos diálogos, enaltece a oratória romana e seus oradores. Torna-se nítida a voz, ou seja, as concepções de Cícero por meio de Crasso:

Na minha opinião, não há mais coisa excelente do que o poder, por meio de oratória, para obter as assembleias de homens, ganhar sua boa vontade, dirigir suas inclinações, onde quer que os oradores desejem, ou desviá-las de tudo o que ele quiser. Em todas as nações livres e, acima de tudo, em comunidades que alcançaram o gozo da paz e da tranquilidade, essa arte sempre floresceu acima do resto e sempre reinou suprema. Para o que é tão maravilhoso quanto isso, da inumerável companhia de fazer, um único ser deve surgir, quem sozinho ou com alguns outros pode tornar efetiva uma faculdade promovida por natureza sobre cada homem? Ou o que tão agradável ao entendimento e ao ouvido como um discurso adornado e polido com reflexões sábias e linguagem digna? Ou que realização tão poderosa e gloriosa que os impulsos da multidão, as consciências dos juizes, a austeridade do Senado, devem sofrer transformação através da eloquência de um homem? (CICERO, 1948, p. 23 e 25, tradução nossa)⁴.

³ No original: “thus eloquence is not the offspring of art, but the art of eloquence”.

⁴ No original: “there is to my mind no more excellent thing than the power, by means of oratory, to get a hold assemblies of men, win their good will, direct their inclinations wherever the speakers wishes, or divert them from whatever he wishes. In every free nation, and most of all in communities which have attained the enjoyment of peace and tranquility, this one art has always flourished above the rest and ever reigned supreme. For what is so marvelous as that,

Na concepção de Cícero, o orador, por meio da oratória, desempenha um papel de grande importância e influência. Para tanto, ele deve ter conhecimento de inúmeros assuntos e das paixões humanas, sabendo como incitá-las e acalmá-las, assim também, com o pensamento dos ouvintes. Deve-se, ainda, ser gracioso, rápido para atacar e para responder, também refinado e urbano (CICERO, 1948, p. 46)⁵. Além de ter a perspicácia de encontrar o que é adequado a cada caso, o *decorum*.

Cícero traça o perfil do orador perfeito, caracterizado pelo seu vasto conhecimento em todas as áreas e a capacidade de transmiti-los docilmente. Nesse ponto, o orador é diferenciado do filósofo, que realiza seu trabalho de maneira árida, e é assemelhado ao poeta, sem, no entanto, carregar o jugo da métrica. Assim acrescenta: “há de ser educado nas artes do homem livre para ser contado entre os oradores” (CICERO, 1948, p. 53)⁶. Pois, o orador, se bem instruído, seja qual for a causa do cliente ou o gênero, poderá falar melhor que o próprio especialista no assunto:

[...] no orador, devemos exigir a sutileza lógica, os pensamentos do filósofo, uma dicção quase poética, a memória de um advogado, a voz de um ator de tragédia e os gestos dos grandes atores. Consequentemente, não há nada mais raro do que encontrar um *orador perfeito* entre os filhos dos homens. Se os representantes das demais artes possuírem tais atributos, mesmo que medianamente, são aceitos. Mas o orador deve possuir todos (CICERO, 1948, p. 89 e 91, tradução e grifos nossos)⁷.

out of the innumerable company of making, a single being should arise, who either alone or with a few others can make effective a faculty bestowed by nature upon every man? Or what so pleasing to the understanding and the ear as a speech adorned and polished with wise reflections and dignified language? Or What achievement so mighty and glorious as that the impulses of the crowd, the consciences of judges, the austerity of the Senate, should suffer transformation through the eloquence of one man?

- ⁵ No original: “To this there should be added a certain humour, flashers of wit, the culture befitting a gentleman, and readiness and terseness alike in repelling and in delivering the attack the whole being combined with delicate charm and urbanity”.
- ⁶ No original: “That no one should be numbered with the orators who is not accomplished in all those arts that befit the well-bred”.
- ⁷ No original: “[...] in an orator we must demand the subtlety of the logician, the thoughts of philosopher, a diction almost poetic, a lawyer’s memory, a tragedian’s voice, and the bearing almost of the consummate actor. Accordingly no rarer thing than a finished orator can be discovered among the sons of men. For attributes which are commended when acquired one apiece, and that in but modest degree, by other craftsmen in their respective vocations, cannot win approval when embodied in an orator, unless in him they are all assembled in perfection”.

Em parte de um diálogo travado em *De Oratore*, Sulpício, um dos personagens, comenta sobre o estudo preparatório para a oratória. Então, Crasso discorre sobre como ela é tradicionalmente dividida:

[...] primeiramente, encontrar o que dizer, organizá-lo não apenas seguindo a ordem, mas também a importância, selecionar a linguagem apropriada, depois comprometer-se com a memória e, finalmente, entregá-lo com a devida ação e elocução. Uma tarefa, sem dúvida, que não requer muito empenho (CICERO, 1948, p. 301, tradução nossa)⁸.

Cícero, por meio de Crasso, aponta que os homens eloquentes já seguem esses passos de maneira espontânea, pois a eloquência antecedeu a retórica. Da mesma forma, comenta sobre os exercícios de voz e recomenda que o orador separe algum tempo para discursar de maneira preparada e precisa, mas não desmerece o discurso de improviso, se realizado como exercício. Assinala a escrita, dentre os exercícios, como a melhor e mais realizadora mestra do discurso. Também exalta a importância da memória para aprender de cor os escritos, que podem ser tanto os de autoria própria como os de outros.

Se, por um lado, Cícero não despreza os exercícios de oratória e ainda defende a importância da vasta cultura e da formação teórica do orador, princípio que fundamenta seu conceito do orador perfeito, por outro, revela que, em alguns casos, esses fatores, embora fundamentais, não podem garantir a eloquência:

Sei que as boas habilidades podem ser aperfeiçoadas e, as que se mostram débeis, podem ser muito melhoradas por meio da instrução, mas há alguns homens de tão péssima dicção, de trímbr vocal tão desarmonioso, ou de características e gestos tão rudes e grosseiros que, mesmo que tenham talento e arte, ainda não conseguem entrar para o rol dos oradores. Enquanto outros, são tão aptos nestes mesmos aspectos, tão naturalmente dotados, que parecem não terem nascido, mas sido moldados por alguma divindade. (CICERO, 1948, p. 81, tradução nossa)⁹.

⁸ No original: “[...] to invent what you are to say, to arrange what you have invented, to clothe it in proper language, then to commit it to memory, and at last to deliver it with due action and elocution; a task, surely, requiring no very abstruse study.

⁹ No original: “[...] I know that good abilities may thorough instruction become better, and that such as are not of the best can nevertheless be, in some measure, quickened and amend -, but there are some men either so tongue-tied, or so discordant in tone, or so wild and boorish in feature and gesture, that, even though sound in talent and in art, they yet cannot enter the ranks of the orators. While others there are, so apt in these same respects, so completely furnished with the bounty of nature, as to seem of more than human birth, and to have been shaped by some divinity”.

O orador romano admite que, apesar de a instrução ser fundamental para o orador, ainda mais se esse busca a perfeição, a eloquência requer pré-requisitos inatos, os quais, infelizmente, não podem ser simplesmente aprendidos ou teorizados, por se tratarem de atributos naturais. De maneira alguma Cícero desmerece a formação intelectual do orador, mas reconhece que algumas características, se demasiadamente acentuadas, quando se trata de oratória, não podem ser sanadas ou sequer melhoradas suficientemente.

Segundo Cícero, mesmo o orador eloquente teme, além da dificuldade da oratória, os diversos resultados de um discurso e as expectativas dos homens. Ele mesmo admitiu: “muitas vezes, eu mesmo experimentei palidez no início do discurso e o tremor por toda mente e por todos os membros” (CICERO, 1948, p. 85)¹⁰. A humanidade do brilhante orador é revelada acerca do enfrentamento da tribuna, onde tantas vezes fora aclamado, mas que também lhe trouxera certo temor quando jovem. O temor, segundo Aristóteles, consiste em um “certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal eminente, ou danoso ou penoso” (ARISTÓTELES, 2003, p. 31). O brilhante orador não estava ileso às paixões.

Sem dúvida, a eloquência inata de Cícero fora lapidada pela riquíssima instrução adquirida e somada à sua mente brilhante. Infelizmente, o ideal do orador perfeito, aquele bem instruído de toda a cultura global e do bom senso, ficara na obra *De Oratore*, como o próprio Cícero registrou: “não há nada mais raro do que encontrar um orador perfeito entre os filhos dos homens” (CICERO, 1948, p. 89, tradução nossa)¹¹. Se Cícero não o era, com certeza, chegou bem perto.

O grande orador viveu em meio às conspirações e às controvérsias da política da República romana, porém produziu um legado que tem perpassado a História da humanidade. Prova disso são seus escritos que influenciaram estudiosos da igreja cristã, pensadores da Idade Média e colaboraram para o surgimento do Renascimento. Muitos dos seus livros foram adotados nos currículos e, durante muito tempo, seus textos foram sinônimos do latim clássico. No entanto, a principal marca do brilhante orador romano foi sua eloquência que, apesar de pomposa para concepções atuais, era adequada a seu tempo e às exigências de sua época.

¹⁰ No original: “I very often prove it in my own experience, that I turn pale at the of speech, and quake in every limb and in all my soul”.

¹¹ No original: “no rarer thing than a finished orator can be discovered among the sons of men”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CICERO, Marcus Tullius. *The Orations of Marcus Tullius Cicero*. London: George Bell and sons, 1856.

_____. *On the Orator Books I-II*. London: Harvard University Press, 1948.

PLUTARCO. *Vidas dos homens ilustres*. Traduzido do grego por Amyot. São Paulo: Editora das Américas, 1951.

SODRÉ, Hélio. *História universal da eloquência*. v. 1. São Paulo: Forense, 1967.

ZAMA, Cezar. *Traços biographicos e politicos dos tres grandes oradores da antiguidade: Pericles, Demosthenes e Cicero*. Salvador: Litho-Typ. e Enc. Wilcke Picard, 1896. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242544>>. Acesso em: 8 set. 2017.

